

#cm
2
TERÇA-FEIRA

Ele ainda é o Rei do Pop

Sucesso mundial de bilheteria, a **biopic 'Michael'** leva **multidões** aos cinemas e avança **reproduções das canções** de Michael Jackson nas **plataformas de streaming**, renovando o **interesse do público sobre o astro**. Páginas 2 e 3

PEDRO SOBREIRO

Protagonizado por Jaafar Jackson, sobrinho do rei do Pop, 'Michael' é um fenômeno de público.

Devido ao feriado de Tiradentes, o longa estreou antecipadamente, em 21 de abril, o que rendeu a ele um dia a mais na semana de abertura, coroada com o recorde do ano no Brasil até o momento. Foram mais de 1.7 milhão de espectadores no fim de semana e a maior abertura de 2026 no país, arrecadando mais de R\$ 40 milhões.

Após os sucessos de cinebiografias como "Bohemian Rhapsody" (2018) - que contou a história de vida de Freddie Mercury e da banda Queen -, e de "Rocketman" (2019) - musical sobre Elton John -, era apenas uma questão de tempo para que o maior músico de todos os tempos ganhasse sua própria adaptação para as telonas.

Para chegar próximo da aparência e energia de Michael Jackson, a produção decidiu apostar no próprio sangue da família, convidando o sobrinho do Rei do Pop, Jaafar - filho de Jermaine Jackson -, para dar vida ao tio. E o garoto teve uma abordagem tão respeitosa e querida, que vem recebendo elogios da crítica internacional.

Conforme revelou o diretor do filme, Antoine Fuqua ("O Protetor"), o trabalho de Jaafar era de muito risco, ainda mais para o primeiro papel de um ator, mas ele soube sintetizar a personalidade de Michael Jackson com maestria.

"O que te atrai para o mundo de Michael é a autenticidade absoluta de Jaafar. Todos concordamos que não poderia haver imitação do Michael. Em vez disso, o que Jaafar conseguiu foi estar completamente presente e trazer aquele mesmo espírito positivo que vimos Michael trazer para tudo o que ele fez. É algo que você pode sentir", afirmou o diretor.

Outro destaque do longa que vem transformando as salas de cinema do mundo em verdadeiras casas de shows é o poder dos shows históricos do músico, que foram recriados com muita fidelidade. Segundo o diretor, esses momentos transcendem 'apenas' quem foi o Michael e consegue dialogar com o público ao fazê-lo lembrar de como era vida na época do concerto.

"Em toda cena de shows, eu queria que o público sentisse que está bem ali, o mais próximo possível de Michael. Para os fãs, esses momentos lembram não só quem Michael era, mas quem você era quando ouviu essas músicas pela primeira vez. E para quem está descobrindo Michael, eles são uma revelação", afirmou Fuqua.

A produção do filme contou com mais de 400 funcionários que tiveram muito empenho, principal-



Jaafar Jackson deu vida ao tio, Michael, na cinebiografia. Seu desafio foi tentar não fazer uma imitação.

Público redescobre

MJ

Com uma imensa equipe de produção, 'Michael' é a maior estreia do ano nos cinemas do país

mente nessa questão de recriar os shows. Internamente, a produção sabia que a 'playlist' seria a alma do filme, então conseguir retratar as apresentações de Michael Jackson com o máximo de fidelidade e emoção era a grande prioridade dos bastidores.

"Em nossas sequências de concerto, é como se você estivesse preso à câmera, voando pelo estádio. Você está com Michael no palco um minuto, e na plateia no minuto seguinte. Ninguém nunca viu uma apresentação dele assim antes. Mesmo que você tivesse a sorte de ver Michael ao vivo, você o verá e ouvirá de um jeito que ninguém jamais viu" explicou o supervisor musical John Warhurst.

O longa foi escrito por John Logan ("007 - Operação Skyfall"), que traz no currículo três indicações ao Oscar e um prêmio Tony, o "Oscar do teatro". A ideia do projeto era conseguir decifrar Michael Jackson além de seu sucesso estrondoso na indústria musical. Quem era o homem por trás dos prêmios? O que aconteceu em sua vida para que ele se tornasse esse ícone mundial, capaz de parar ruas apenas por estar nelas?

Para ele, conseguir traduzir sua vida e seu poder de dialogar com diferentes idiomas por meio da música em palavras foi desafiador, mas "irresistível". "O que estava por trás de tudo isso era o coração pulsante de um homem que queria trazer ale-

“O que te atrai para o mundo de Michael é a autenticidade absoluta de Jaafar. Todos concordamos que não poderia haver imitação do Michael”

ANTOINE FUQUA

ele veio do nada, teve uma relação difícil com o pai, e o The Jackson 5 o tornou uma superestrela global quando ele tinha dez anos. O resto da vida dele teve a ver com ser livre e finalmente ser Michael Jackson, o artista solo. Então, para mim, é uma história alegre, sobre criatividade. Como escritor, era algo irresistível, completa.

Por fim, o roteirista explicou como foi o processo de escolha das músicas que entraram para o filme. "Eu queria que o mundo visse onde tudo começou, desde suas raízes no The Jackson 5 até o lançamento de sua carreira solo, e revelasse as batalhas pessoais pela liberdade criativa e pessoal que alimentaram seu fogo", destacou Logan. "Apesar de tudo isso, sua paixão e determinação incansável deram ao mundo algumas das melhores músicas já feitas. Cada música escolhida e cada apresentação dramatizada que escolhemos foi feita para levar e acompanhar Michael em sua jornada pessoal", explicou.

Interesse pela obra

Sucesso do longa à parte, talvez o maior legado imediato de 'Michael' seja o redescobrimento de parte do público das canções do Rei do Pop. De acordo com dados fornecidos pelo streaming musical Deezer, as reproduções das músicas de Michael Jackson cresceram 153%, fazendo o cantor subir 40 posições no ranking dos artistas mais ouvidos da plataforma e alcançar o #68 lugar na semana de estreia do filme.

Com isso, as 10 músicas mais ouvidas pelos brasileiros na plataforma foram, nesta ordem: "Billie Jean"; "Beat It"; "Thriller"; "Smooth Criminal"; "Don't Stop 'Til You Get Enough"; "They Don't Care About Us"; "Human Nature"; "Heal The World"; "Bad" e "You Are Not Alone".



Divulgação

Nos rastros do **Rei do Pop**

Em seus shows, Rodrigo Teaser aposta na reprodução fiel de figurinos, coreografias e arranjos das canções eternizadas por Michael Jackson

Após 'boom' do filme, Rodrigo Teaser, cover brasileiro de Michael Jackson, acredita que fará mais shows na esteira do sucesso da produção

LEONARDO VOLPATO
Folhapress

Fã de Michael Jackson desde que tinha cinco anos e cover do artista desde os nove, Rodrigo Teaser, 46, diz estar ansioso para entender como a repercussão do filme "Michael" - em cartaz nos cinemas - vai impactar o seu trabalho. Ele se apresenta em shows pelo Brasil e em outros países, sempre caracterizado como o Rei do Pop.

"Desde que o meu show estreou, em 2012, é a primeira vez que temos algo assim", comenta. "Nos últimos anos, o que a gente experimentou foi o oposto. Documentários ata-

cando a imagem dele, tentativas de cancelamento infundadas e ainda assim seguimos trabalhando muito. Não sei se vai ter um aumento na agenda, talvez tenha uma busca maior por ingressos."

O cover afirma que adorou o longa que tem Jaafar Jackson na pele do tio, Michael. Ele já assistiu quatro vezes à produção, mas ainda tem suas ressalvas. "Confesso que, mesmo tendo gostado do filme, não é o roteiro que eu esperava", avalia. "Perderam uma oportunidade de justificar traumas importantes da vida do MJ. Mas o Jaafar foi uma escolha certíssima."

No último dia 2 de maio, o artista independente se apresentou para 15 mil no Changsha International Convention & Exhi-

“ Fiz coisas e realizei feitos que nunca imaginei como um artista cover. No início, eu só queria levar minha apresentação para a mesma casa de shows dos artistas que eu admirava. Fiz Broadway, show numa Copa do Mundo, viajei todos os continentes”

RODRIGO TEASER

bition Centre, na China, com o espetáculo "Michael Lives Forever". Em suas turnês por mais de dez países, Rodrigo já dividiu o palco com músicos que fizeram parte da banda do ídolo, incluindo a guitarrista Jennifer Batten, o backing vocal Kevin Dorsey e o baterista Jonathan Moffett.

O entusiasmo dele é grande ao falar sobre a notoriedade que ganhou perante a equipe que trabalhou com Jackson. Até hoje, ele foi o único brasileiro autorizado a entrar em Neverland, residência oficial do ídolo. "E meu show é o único a ter supervisão do coreógrafo original do MJ, LaVelle Smith Jr., que trabalhou com ele por quase 20 anos e que coreografou Beyoncé, Ricky Martin, Janet Jackson, Rihanna etc.," afirma.

O amor por Michael Jackson começou de uma forma inusitada na vida de Rodrigo. Na época da escola, ele era muito retraído, mas às escondidas usava a dança para se soltar. Sua mãe percebia nele um talento nato, e até para ajudar a ultrapassar a timidez, o colocava para performar na frente de toda a família.

"Depois que ela notou que meu passatempo era dançar Michael Jackson em casa, passou a me incentivar. Uma vez que você experimenta algo que te faz bem e te coloca num lugar especial, você sempre vai tentar fazer aquilo melhor", recorda.

Conforme ele foi crescendo, seu dom para seguir os passos e os trejeitos do astro aumentava na mesma proporção. Ele começou a se dedicar aos mínimos detalhes para que o que era hobby se transformasse numa profissão.

"Minha família me apoia desde o início. Algumas das recordações mais queridas que tenho são da minha família reunida ajudando a montar figurinos. Minha esposa, que hoje é minha empresária, eu conheci há 25 anos enquanto fazia um show."

Como rotina, Rodrigo conta que leva cerca de 1h30 se maquiando e faz isso por conta própria. Outra paixão é encontrar detalhes que possam aperfeiçoar as vestimentas de MJ. "Eu posso usar uma luva de lantejoulas? Sim. Posso usar uma luva de brilhantes falsos? Também. Mas quando você sobe no palco com uma réplica fiel de cristais Swarovski, quem é fanático percebe", diz.

O artista independente afirma que hoje consegue ter uma vida confortável com sua arte, e projeta dar um novo passo na carreira. "Eu fiz coisas e realizei feitos que nunca imaginei como um artista cover. No início, eu só queria levar minha apresentação para a mesma casa de shows dos artistas que eu admirava. Fiz Broadway, show na Copa do Mundo, viajei todos os continentes", comenta. "Agora, meu maior sonho é fazer minha própria música, sair das sombras e passar a existir."



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Se por um lado... o latino-americano... falta brasilidade a Cannes este ano, sem ter joias como “O Agente Secreto no páreo, por outro, o da perspectiva chilena, a 79ª edição do festival de mais prestígio no cinema é uma festa. Tem “La Perra”, de Dominga Sotomayor, na Quinzena de Cineastas, com Selton Mello no elenco e Rodrigo Teixeira na produção. Tem “El Deshielo”, com direção da atriz e cineasta Manuela Martelli, concorrendo na vitrine Un Certain Regard. E tem, no júri da Palma de Ouro, um jovem talento que redefiniu a ousadia do Chile nas telas: Diego Céspedes.

Há um ano, ele botou a Croisette no bolso com “O Olhar Misterioso do Flamingo”, que hoje percorre as salas do Brasil, sob distribuição da Imovision. E o time de juradas e jurados ao lado dele é dos mais respeitados, a começar pelo presidente de tal esquadra, Park Chan-wook, diretor sul-coreano consagrado com “OldBoy” (2004).

Juntam-se a eles a cineasta belga Laura Wandel e a diretora chinesa Chloé Zhao, o ator da Costa do Marfim Isaach de Bankolé, o roteirista escocês Paul Laverty, a diva americana Demi Moore, a atriz etíope-irlandesa Ruth Negga e o ator sueco Stellan Skarsgård. Céspedes é o mais moço. Tem 31 anos e já passou pelo Brasil um par de vezes com o longa que hoje o consagra.

“O cinema chileno foi contado sobretudo pela classe alta”, diz Céspedes por Zoom ao Correio.

Interseção rara de ternura e resaca, “O Olhar Misterioso do Flamingo” rendeu a seu país uma das vitórias mais expressivas da sua cinematografia além-fronteiras: a conquista do Prix Un Certain Regard, distinção atribuída pela secção paralela do Festival de Cannes. O Brasil conhece bem esse território, graças ao triunfo de Karim Aïnouz com “A Vida Invisível”, em 2019. A aproximação entre as duas obras faz sentido: ambas encontram no melodrama um espaço de resistência afetiva, usando a emoção não como excesso, mas como ferramenta política e humanista. Céspedes, estreante nos longas-metragens depois dos curtas “Las Criaturas Que Se Derriten Bajo El Sol” e “El Verano Del León Eléctrico”, mergulha precisamente nessa dimensão, criando um universo em que o lirismo convive com o medo, a pobreza e a ameaça constante da morte. A narrativa recua até 1982, numa cidade mineira isolada no deserto chileno, onde a pequena



“O Olhar Misterioso do Flamingo” saiu de Cannes, em 2025, com o Prix Un Certain Regard

Flamingo da inclusão

Um dos maiores talentos do Chile na atualidade, o diretor Diego Céspedes integra o júri da Palma de Ouro do maior festival do mundo, onde seu país tem entrada firme em 2026

Lidia, de 11 anos, vive sob a proteção de artistas trans e travestis que gerem um cabaré local. Quando uma doença desconhecida começa a espalhar-se entre os mineiros que frequentam clandestinamente o espaço, instala-se um clima de histeria coletiva alimentado pela homofobia e pela transfobia. Corre o rumor de que o contágio acontece através de um simples olhar. A violência moral alastra então pela comunidade, enquanto Flamingo, figura maternal interpretada por Matías Catalán



Diego Céspedes, o realizador chileno de 31 anos, clama por mudanças estruturais de classe no cinema de seu país

numa composição devastadora, tenta proteger Lidia de um mundo cada vez mais hostil.

Céspedes evita os códigos convencionais do cinema histórico chileno. Não há preocupação em sublinhar referências oitentistas nem em transformar a ditadura de Pinochet num eixo narrativo explícito. Pelo contrário: o realizador prefere mos-

trar as consequências invisíveis de uma sociedade moldada pelo fascismo, sem transformar a memória política em ilustração didática. “Não precisamos mencionar Pinochet para entender as repercussões de um mundo fascista”, explicou o cineasta numa conversa com o Correio da Manhã em sua passagem por São Paulo, em março. “O contexto está lá, mas o que o filme mostra é resistência e amor”.

Essa recusa em transformar a política num desfile de símbolos ou

slogans é central na construção de “O Olhar Misterioso do Flamingo”. Céspedes acredita que o cinema chileno foi, durante muito tempo, contado a partir da perspectiva das elites, e vê nesta obra uma ruptura com esse modelo. “Escrevo a partir da minha família, das minhas irmãs, dos meus amigos, das emoções que conheço”, afirmou. “Este filme quebra esse molde e apresenta outros rostos, outras vozes, outras experiências sociais”.

Essa dimensão comunitária atravessa toda a obra. Para o realizador, sua “Flamingo” fala de algo profundamente latino-americano: a sobrevivência coletiva. “Comunidade é aquilo que mais temos na América Latina. É o que nos permite sobreviver todos os dias”, observou.

Essa ideia manifesta-se tanto na relação entre as personagens como na própria estrutura melodramática da narrativa, que alterna dor, humor, afeto e violência com enorme naturalidade. A encenação acompanha essa lógica. A fotografia de Angello Faccini mergulha o deserto chileno numa luz quente, poeirenta e quase tátil, enquanto a direção de arte de Bernadita Baeza transforma o cabaré num oásis cromático no meio da aridez. Céspedes explicou que trabalhou a construção visual do filme muito antes das filmagens, definindo texturas, cores e detalhes específicos para cada personagem.

“O deserto representa a brutalidade, enquanto as mulheres da cantina são cor, calor e fantasia”, resumiu o cineasta.

Nele, o melodrama surge então não como ornamento, mas como extensão orgânica da realidade observada pelo realizador. “Quando escrevia, percebi que havia muito melodrama na vida das pessoas que inspiraram o filme”, contou Céspedes. “As lágrimas coexistiam com o riso. Essas pessoas sobreviviam através do humor, do exagero e do afeto”. Essa perspectiva impede o filme de cair no miserabilismo ou no realismo cru tradicional, aproximando-o antes de um realismo mágico delicado, onde memória, sonho e medo se confundem constantemente.

Ao escolher olhar este universo pelos olhos de uma criança, Céspedes encontra ainda uma forma particularmente poderosa de desmontar o preconceito. Lidia não compreende plenamente a sexualidade dos adultos à sua volta; percebe apenas o amor, o cuidado e a violência. É precisamente essa inocência que torna mais brutal a intolerância que cresce à sua volta. Os fantasmas mudam pouco com o passar das décadas: o medo do diferente, o ódio alimentado pela ignorância e a necessidade de criar tribos de proteção continuam assustadoramente atuais. “Os fantasmas repetem-se e alimentam-se do medo”, alerta o diretor. A força de seu filme nasce exatamente dessa percepção: a de que a história não passou, apenas mudou de roupa.

Cannes segue até o dia 23 de maio.

Hobbits em festa

Responsável pelas duas trilologias que levaram J.R.R. Tolkien ao coração de Hollywood, Peter Jackson recebe a Palma de Ouro Honorária, em reconhecimento a seu legado para a fantasia



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Novas viagens à Terra-Média estão por vir. Há um clima de batalha prometido por “The Lord of the Rings: The Hunt For Gollum”. Trata-se de um derivado da franquia “O Senhor de Anéis” (2001–2003), do neozelandês Peter Jackson, recentemente revivida numa série da Amazon Prime, pilotada pelo espanhol J. A. Bayona. Coube a Jackson produzir o regresso à telona da prosa de J. R. R. Tolkien (1892-1973) no que pode vir a ser uma nova franquia. É o que se espera do realizador, escolhido para receber a primeira das duas Palmas de Ouro Honorárias do 79º Festival de Cannes. A segunda vai para a cantora, atriz e diva Barbra Streisand, no próximo dia 23, quando o evento encerra suas ações. O cineasta mais famoso da Nova Zelândia ganha a sua esta noite e conversa com o público da Croisette nesta quarta.

Em meio a um sucessivo regresso ao circuito de “O Retorno do Rei” (2003), o mais aclamado e o mais oscarizado tomo da trilogia “O Senhor Dos Anéis”, Jackson vem levantando um vasto material de imagens de arquivo sobre os bastidores das filmagens da adaptação da saga de J. R. R. Tolkien para um possível documentário. Há tempos, o cineasta anda dedicado mais a narrativas do real do que a ficção, vide o estrondoso sucesso de “Get Back”, sobre os Beatles, na Disney+. Streamings andam exibindo um de seus melhores trabalhos nessa seara, a dos docs. revisionistas: “Eles Não Envelhecerão” (2018), sobre a I Guerra Mundial. Vai na Prime Video que ele está lá.

Estima-se que o tempo do realizador anda dedicado, parcialmente, a uma investigação documental sobre o quadrinista belga Hergé (1907-1983), de quem está adaptando uma aventura do jornalista Tintin. O novo longa ficcional de Jackson deve ser uma animação baseada no gibi “Os Prisioneiros do Sol”. Mas há quem diga que algo



Peter Jackson nos sets de ‘O Senhor dos Anéis’. Cineasta pode renovar sua investida no universo Tolkien



Michael Tran Film

Aos 64 anos, o cineasta neozelandês receberá uma Palma de Ouro de Honra

ligado a Tolkien saia das mãos Jackson antes disso.

Hoje, na HBO Max, é possível conferir a versão integral de cada um dos capítulos da trilogia que Jackson rodou na Nova Zelândia, tendo Viggo Mortensen no papel do Rei Aragorn e Elijah Wood como Frodo. Já na Amazon Prime é possível acompanhar a trilogia “Hobbit”, que ele dirigiu de 2012 a 2014. Quando interpelado por resenhistas incrédulos frente à dimensão semiótica de espetáculos

como os de Jackson, o cineasta franco-suíço Jean-Luc Godard (1930-2022) costumava retrucar as demandas de seus interlocutores com uma pergunta: “Pra que serve o cinema?”. Agora, nestes tempos de rachas políticos, com a opção de Peter J. de filmar seus novos projetos na surdina, sem alarde, a provocação do realizador de “Acossado” nos serve para uma reflexão sobre o pop: “Para que serve Peter Jackson?”. Há 25 anos, quando “O Senhor dos Anéis” iniciou sua travessia pelas telas, a resposta seria: “Para mostrar a dimensão política da fraternidade e congraçamento entre raças num mundo ainda res-

saqueado pelo 11 de Setembro, engasgado com Bush”. Foi o que disse Mortensen ao falar de Aragorn em uma de suas vindas ao Brasil, há 23 anos.

Em sua trilogia tolkieniana inicial, o realizador neozelandês fundou um novo formato de épico, que surpreendeu o cinema em dois quesitos. O primeiro quesito era sua engenharia de produção: Jackson rodou os três longas da franquia inspirada em Tolkien de uma só montada, em um período concentrado de um ano e meio de filmagens, por um orçamento estimado em US\$ 94 milhões por episódio – um custo muito aquém das ambições estéticas do projeto. Nem Spielberg conseguia filmar dessa forma tão econômica. O segundo quesito de surpresa para os cinéfilos foi a metáfora política daquela trinca de filmes: num momento no qual Hollywood sentiu o desejo de flertar com tramas hiper realistas, nas raias do documental, Jackson trouxe um manifesto fantástico em prol da metafísica, que serviu como um balão de oxigênio para o escapismo nas telas. Isso foi em 2001, 2002 e 2003. Muitos Oscars e muitos milhões nas bilheteria se passaram e uma nova década chegou. Depois outra. Mas Jackson, há muito carente de um sucesso, voltou ao universo que o consagrou como artesão comprovando sua verve autoral: em “O Hobbit” ele mostra que o companheirismo é o assunto-bússola de sua filmografia. Um terreno

mágico foi cimentado em “Uma Jornada Inesperada” (2012). Um esforço de revisão formal da cartilha do capa-e-espada foi ensaiado em “A Desolação de Smaug”. Mas, no tomo final, “A Batalha dos Cinco Exércitos”, o planejamento de revisar a obra basilar de Tolkien, a partir do mito de formação da Terra-Média, converte-se em um filme de guerra magistral, à altura dos clássicos bélicos (de “Napoleón”, de Abel Gance, a “Apocalypse Now”, de Coppola). O formato de aventura de tintas infanto-juvenis dos longas anteriores dá lugar a uma estrutura narrativa mais áspera, de combates incessantes, quebrada apenas por um flerte com a essência da loucura ao mostrar o processo de contágio do anão-rei Thorin (Richard Armitage) pela Febre do Ouro. Nas tomadas de embate, regadas a violência banhada a aço, Jackson oferece ao australiano Andrew Lesnie a chance de construir o arranjo visual mais requintado das duas trilologias. Em suma, “A Batalha dos Cinco Exércitos” é a produção de tons visual mais rijo entre todos os mergulhos de Jackson na literatura de Tolkien, mostrando o amadurecimento do realizador como um esteta plasticamente cheio de ambição e formalmente recheado de um pensamento sobre o valor união entre raças. Pra que serve um Peter Jackson? Serve para fazer o pop evoluir, seja na ficção ou em seus documentários. Que ele estreie algo novo longa. Seja onde for.

CORREIO CULTURAL

Divulgação

O Palais de Cannes sedia o tradicional festival de cinema

Riofilme marca presença em Cannes

Mais uma vez, a RioFilme está no Marché du Film, evento de negócios do Festival de Cannes, entre os dias 12 de 20. Entre as atividades da empresa, está a assinatura da segunda edição da parceria com o Hubert Bals Fund (HBF), do Festival Internacional de Cinema de Roterdã (IFFR). Além da RioFilme, o acordo tem como parceiros o Projeto Paradiso, Spcine e Embratur. A continuidade do “HBF+Brasil: Ini-

ciativa de apoio ao desenvolvimento” acontece após uma edição piloto bem sucedida. O evento de lançamento da segunda edição acontecerá na próxima segunda (18). Nesta edição, 11 projetos serão selecionados. Serão quatro projetos ligados ao Rio apoiados pela RioFilme, quatro ligados a São Paulo apoiados pela Spcine e três produções de outras regiões do país apoiadas pela Embatur.

Mulheres em risco

Uma das atrações brasileiras no Marché du Film é a exibição de “A Versão da Lei”, de Ninna Fachinello, estreia da diretora e roteirista em longas-metragens. A produção aborda temas como violência de gênero e direitos humanos, pautas de forte relevância social no Brasil. Filmado no Rio de Janeiro, o filme nasce de uma inquietação íntima da própria realizadora, refletindo a realidade de muitas mulheres diante das falhas de uma estrutura social que ainda não consegue protegê-las plenamente.

Abordagem crítica Abordagem crítica II

A TV Brasil exibe nesta terças (12), às 23h, a série documental “Como Nascem os Heróis”, uma abordagem crítica e divertida sobre a vida de 10 ícones da nossa história. A produção transforma debates históricos em narrativas acessíveis, com humor e linguagem descontraída.

A série tem apresentação de Rita von Hunty - persona drag criada pelo ator, professor e youtuber Guilherme Terri - conta com cenários lúdicos e depoimentos de historiadores e estudiosos. O ex-presidente Getúlio Vargas (1882-1954) é o tema do primeiro episódio.

Prêmio Platino consagra ‘O Agente Secreto’

“O Agente Secreto” saiu consagrado da principal premiação do cinema ibero-americano, o Prêmio Platino, realizado sábado (9) em Riviera Maya (México). O longa de Kleber Mendonça Filho saiu vitorioso em oito categorias: Melhor Filme Ibero-Americano, Ator, Direção, Roteiro, Montagem, Direção de Arte, Música Original e o prêmio de público para Wagner Moura.



Antonio Torres/Prêmio Platino



Berro/Divulgação

O passinho é o ponto de partida de ‘Boca’, espetáculo que trabalha a indisciplina rítmica do funk como ferramenta de reorganização do caos cotidiano.

Corpos periféricos (e livres) em movimento

Espectáculo ‘Boca’ utiliza a musicalidade das favelas e a simbologia de Exu para debater a fome de existir e resistência

O Mezanino do Sesc Copacabana recebe até domingo (17) o espetáculo “Boca”, nova criação do Grupo Corre. A montagem vai além da dança ao propor um manifesto sobre o corpo periférico como território de criação, utilizando o funk e o passinho como ferramentas de afirmação política e estética.

Sob a direção de Celly IDD, figura histórica e pioneira do movimento “Passinho Foda”, a obra é o resultado de um amadurecimento coletivo de artistas que vivem o cotidiano das favelas do Rio. Desde o título, o espetáculo carrega uma carga simbólica: é o órgão que consome, que fala, que grita e que cospe. Na concepção do grupo, a boca é o princípio criador que “come o que precisa e cospe o que quiser”, recusando-se a entregar ao mundo uma versão higienizada ou submissa da realidade das comunidades.

A dramaturgia estabelece um diálogo direto com a cena contemporânea do funk, mas amplia suas fronteiras ao incorporar elementos do afro, vogue e hip hop - fusão que reflete a própria natureza do passinho, fenômeno que

se consolidou na primeira década dos anos 2000 nos bailes funk do Rio. Misturando o breakdance, o samba e o frevo, a dança tornou-se um símbolo global de resistência, ganhando visibilidade internacional em eventos como a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016 e, mais recentemente, no documentário “Passinho Foda: O Corre por Trás da Dança” (2025), disponível na Netflix.

A trajetória de Celly confunde-se com essa cronologia, sendo ela uma das principais responsáveis por sistematizar e profissionalizar a linguagem do passinho no cenário das artes cênicas contemporâneas. A pesquisa de movimento de “Boca” mantém raízes firmadas na diversidade popular brasileira, bebendo de fontes como o rítmica das escolas de samba e a capoeira.

Em cena, os corpos dos dançarinos não são apenas veículos técnicos, mas carregam trajetórias de sobrevivência e memórias de bailes. Um dos pilares da montagem é o texto-base do diretor artístico e pesquisador Léo Garcia, que introduz o conceito de Èsù Onã Ebo como disparador criativo. A figura de Èsù (Exu), a boca que tudo come e o senhor dos caminhos, serve como metá-

fora para a indisciplina rítmica do funk e sua capacidade de reorganizar o caos cotidiano.

A temporada no Sesc Copacabana foi celebrada pelo grupo como uma conquista territorial significativa. Para Celly IDD, levar o passinho — uma cultura que nasceu e se fortaleceu nas comunidades — para um espaço institucional na Zona Sul é uma forma de “atravessar a cidade com aquilo que já nos atravessa todos os dias”. A diretora enfatiza que a intenção é garantir que esses corpos ocupem espaços de onde historicamente tentam ser excluídos, afirmando a cultura do funk não como uma novidade passageira, mas como um movimento contínuo e consolidado.

O Grupo Corre, fundado em novembro de 2021, nasceu dessa necessidade de colocar o passinho em posição de protagonismo nos palcos culturais, para além das batalhas de dança e intervenções urbanas. O espetáculo busca provocar no público um reconhecimento, convidando o espectador a sair do modo automático e olhar para si com mais liberdade e presença.

SERVIÇO

BOCA
Mezanino do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 17/5, quinta e sexta (20h30), sábado e domingo (19h30)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 21 (sócio Sesc) e R\$ 27 (convênios)

Música que nasce do mundo

Bernardo Aguiar lança álbum visual que coloca a percussão como eixo narrativo

AFFONSO NUNES

O músico e produtor Bernardo Aguiar apresenta, no próximo dia 15 de maio, um marco decisivo em sua trajetória de mais de 30 anos: o lançamento de “Káminhos Benaguiá”. Seu primeiro álbum solo, disponibilizado via YouTube, não é apenas um registro fonográfico, mas uma obra audiovisual na qual a percussão assume o papel de eixo narrativo central, conectando as raízes rítmicas do Brasil profundo a uma estética de alcance global.

A bagagem de Aguiar é extensa. O artista completa duas décadas como integrante do Pife Muderno, grupo fundado por Carlos Malta que é referência na música instrumental brasileira. De sua formação nas baterias das escolas de samba



Daniel Lôbo/Divulgação

músico e produtor Bernardo Aguiar apresenta ‘Káminhos Benaguiá’, seu primeiro álbum solo, conectando as raízes rítmicas do Brasil profundo a uma estética de alcance global

cariocas às colaborações com nomes como Guinga, Hamilton de Holanda e Martinho da Vila, Bernardo organiza agora suas múltiplas facetas em uma proposta autoral integrada. “O trabalho é apresentado como uma obra audiovisual — não no sentido ilustrativo, mas estrutural: som e imagem são concebidos juntos, desde a origem, como partes de uma mesma linguagem”, define o músico.

Em “Káminhos Benaguiá”, a

percussão deixa de ser apenas uma base rítmica para conduzir o ritmo das imagens, os cortes e as texturas visuais. Cada faixa, como Terra Mandinga, Caboclo Snarkyado e Anhangá Karioká, funciona como um microcosmo sinestésico. O artista revela que sua inspiração reside em figuras que ele denomina “arquitetos da música”, capazes de edificar mundos que extrapolam o som.

“Me inspirei em artistas que constroem ‘mundos musicais’. São

artistas que têm um senso de que a música não é só a música em si, mas que ela extrapola a ideia do som. São artistas que quando você fecha o olho você vê coisas profundas, porque é essa a proposta”, explica Bernardo. Ele cita como referências fundamentais Villa-Lobos, Stravinsky, Egberto Gismonti, Hermeto Pascoal e seu mentor na percussão, Naná Vasconcelos. “Tom Jobim, arquiteto de formação, edificava mundos musicais inspirados na natureza

brasileira. Björk, por exemplo, diz que, para fazer música, se inspira no clima, na água, no sapato que está usando. Me identifiquei muito com essa ideia. Música como algo que nasce do mundo, e não só do instrumento”, complementa.

O projeto também se destaca pela rede de colaborações que reforça sua vocação para o intercâmbio estético. No campo internacional, o álbum conta com integrantes da premiada banda norte-americana Snarky Puppy: o baixista Michael League e o saxofonista Chris Bullock. A presença desses músicos amplia o diálogo da obra com a cena instrumental contemporânea global. Entre os brasileiros, o time é composto por nomes de diferentes gerações e estilos, como Carlos Malta, Antonio Neves, Silvério Pontes, Guto Wirtti, Aline Paes, Fernanda Santana e Gabriel Guinther.

“O projeto foi ganhando corpo também a partir das colaborações musicais. Chamei amigos e amigas que admiro muito, e isso foi fundamental para expandir o som do álbum”, conta Bernardo. O processo de criação, iniciado durante a pandemia, carrega uma dimensão artesanal: o artista assumiu praticamente todas as etapas, desde a composição e arranjos até a filmagem, mixagem e edição visual.

A obra propõe uma experiência de escuta imersiva, próxima da cinematográfica, em resposta ao consumo fragmentado e rápido da atualidade. Sons da natureza, capturados em viagens à Amazônia, são incorporados como matéria-prima e ganham desdobramentos visuais diretos. O resultado é uma estética híbrida, onde as fronteiras entre o orgânico e o eletrônico, o musical e o visual, tornam-se fluidas.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Reprodução YouTube e Fotos/Divulgação



Voz de Elis restaurada

O single de Elis Regina, “Corsário”, já está nas plataformas digitais. A composição de João Bosco e Aldir Blanc traz a voz de Elis gravada em 1976 para um especial de TV. A nova faixa dá sequência ao projeto iniciado em 2024 com a música “Para Lennon & McCartney” e integra um álbum ainda em desenvolvimento, reunindo da cantora naquela mesma noite e finalizados agora sob a produção de seu filho João Marcello Bôscoli. Sua voz foi restaurada com ferramentas de tratamento de áudio para eliminar ruídos e interferências do take original.

Fauzi Awada/Divulgação



Gestão coletiva

Pedro Finco lança “Há Um Lugar”, primeiro single do projeto Tijolo, gestado coletivamente em São Bernardo do Campo (SP). A faixa nasce de um dedilhado repetitivo que ganhou forma e estrutura na pergunta “o quanto de mim eu sou?”, que permeia toda a canção que explora a relação entre experiências pessoais e atravessamentos coletivos da cidade. O disco completo chega ainda este semestre em versão digital e edição limitada em fita cassete, reunindo composições gestadas ao longo dos últimos anos, incluindo o período da pandemia.

Divulgação Sony Music



Sentimento no forró

Jotavê lança o álbum completo de “Forró Com Sentimento”, projeto que reúne 13 faixas de forró romântico com releituras de sucessos do sertanejo. O trabalho inclui as canções do Volume 1, o single “Como Faz Com Ela” e novas composições. Destaque para a versão em forró de “Se Hoje Eu For Cair”, sucesso de Kaique e Felipe. O álbum traz ainda regravações de artistas como Matheus & Kauan, Victor & Leo, Jorge & Mateus e Bruno & Marrone, conectando diferentes gerações sob perspectiva afetiva de memórias e histórias de amor.

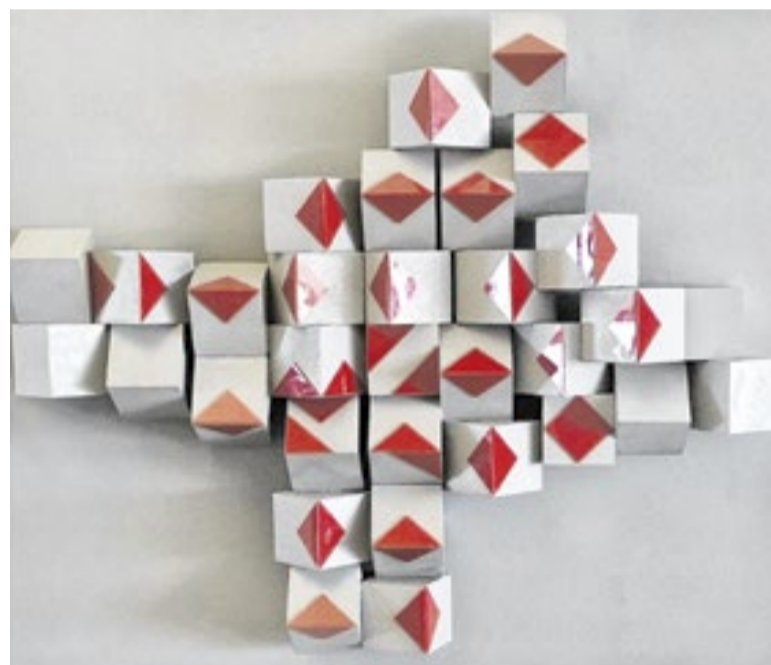


Divulgação



Uma linhagem artística

Três gerações da família Mardine ocupam Fábrica Bhering com diálogo entre pintura e escultura



AFFONSO NUNES

A Galeria Dobra/Artnova inaugurou na Fábrica Bhering a mostra coletiva “Os Mardines - o elo que nos une”. Com curadoria de Marcelo Rezende, a exposição estabelece um panorama geracional da família Mardine, apresentando pinturas e esculturas que exploram desde a abstração lírica até a geometrização formal.

O núcleo central da exibição foca na produção de Edson Mardine. Aos 80 anos, o artista, que consolidou repertório visual como colecionador em viagens internacionais, apresenta telas marcadas por pinceladas vigorosas. Sua técnica transita entre a fluidez das formas e uma estrutura de composição que remete à tradição da pintura de paisagem, fundindo o figurativo ao abstrato por meio de cores artificiais e temáticas oníricas.

A linhagem artística prossegue com Edson Mardine Junior, que exibe duas esculturas. Influen-



O núcleo central da exibição foca na produção de Edson Mardine

ciado por movimentos como a Bauhaus e pela relação entre geometria e arquitetura, o artista — que possui formação em Direito e Filosofia — transpõe para o tridimensional o interesse pela abstração herdado do pai.

A terceira geração é representada por Beatriz Mardine. Violinista e cirurgiã-dentista com formação na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Beatriz apresenta duas aquarelas. Sua produção busca investigar as intersecções entre



a percepção do tempo, característica de sua prática musical, e a ocupação do espaço plástico.

SERVIÇO
OS MARDINES - O ELO QUE NOS UNE

Galeria Dobra/Artnova (Fábrica Bhering - Rua Orestes, 28, 2º andar - Santo Cristo)
Até 30/5, quintas e sextas (12h30 às 17h) e sábados (10h às 18h)
Entrada franca